

PARACANDONA JABALPURENSIS SAHNI & KHOSLA 1994 - PRIMEIRA POSSIBILIDADE DE CORRELAÇÃO FAUNÍSTICA ENTRE OSTRÁCODOS DAS FORMAÇÕES ADAMANTINA E MARÍLIA (GRUPO BAURU, SUDESTE DO BRASIL) E LAMETA (DECCAN, CENTRO-NORTE DA ÍNDIA) DURANTE O MAASTRICHTIANO

Silvia Regina Gobbo¹; Reinaldo J. Bertini²

¹ UNIMEP; ² UNESP

RESUMO. Durante o Eo-Cretáceo, enquanto os continentes do Hemisfério Sul ainda formavam unidos o Supercontinente Gondwana, a dispersão de ostrácodos não-marinheiros efetivamente era muito favorecida. Porém depois de fragmentação e separação das massas continentais, no final do Cretáceo, a dispersão de ostrácodos de águas continentais se tornou muito mais diluída, o que ocasionou o surgimento de inúmeras faunas endêmicas. Porém o endemismo destas faunas não é estrito, tendo sido previamente possível, em contribuições anteriores, estabelecer uma cronocorrelação entre espécies do Grupo Bauru, com faunas das bacias de Neuquén e Congo. No presente trabalho noticia-se a presença de uma espécie de ostrácodo, *Paracandona jabalpurensis*, anteriormente descrito apenas para a Formação Lameta, de Jabalpur (Midhya Pradesh, Índia) em duas localidades brasileiras: 1. Pedreira Partezan, Membro Ponte Alta, Formação Marília (Uberaba, MG); 2. Localidade situada nos arredores do Município de São Carlos (SP), Formação Adamantina, atribuíveis ao Grupo Bauru. A presença de *P. jabalpurensis* na Formação Marília do Triângulo Mineiro, e na Formação Adamantina dos arredores de São Carlos, reforça interpretações anteriores, baseadas em outras espécies de ostrácodos, e uma diversificada fauna de vertebrados, que indicam uma idade maastrichtiana, eventualmente campaniana, para estes estratos brasileiros. A Formação Lameta tem sua idade maastrichtiana proposta a partir de correlações bioestratigráficas baseadas em ostrácodos, rica fauna de vertebrados, especialmente restos e ovos de dinossauros, além de datação por palinórfos. A fauna de ostrácodos da Formação Lameta possui uma correlação faunística significativa com equivalente semelhante, dos estratos sedimentares intercalados ao Vulcanismo Deccan, datados radiometricamente como sendo maastrichtianos. Outras considerações interessantes entre estas ocorrências de ostrácodos em Brasil e Índia são a presença abundante de ostrácodos da Família Ilyocyprididae, que também ocorrem de maneira abundante na Bacia de Neuquén, Patagônia de Argentina, em estratos maastrichtianos. Estes fatos parecem ser corroborados pela grande diversificação desta família, nas faunas brasileira e indiana de mesma idade. Também deve ser ressaltada a baixa diversidade do Gênero *Cypridea*, durante o Maastrichtiano das faunas brasileiras, argentinas, africanas e indianas. Estas mudanças na dominância faunística estão intrinsecamente relacionadas às mudanças ambientais. Assim no Eo-Cretáceo, especialmente durante Aptiano-Albiano, encontramos extensos ambientes lacustres relacionados ao rifteamento do Gondwana e, entre os ostrácodos, a dominância de espécies do Gênero *Cypridea*, enquanto no Neo-Cretáceo (especialmente Maastrichtiano) a separação das massas continentais eliminou os lagos tipo rifte e a comprovada condição de mar alto diminui a quantidade de ambientes límnicos, que passam a ser esparsos, rasos e também efêmeros. Neste contexto de significativas mudanças ambientais temos a diversificação do Gênero *Ilyocypris* e formas lisas no final do Neo-Cretáceo, tanto na Argentina, quanto em Brasil, África e Índia. A presença de *P. jabalpurensis* se encaixa perfeitamente neste contexto maastrichtiano. Finalmente sugere-se neste trabalho que a rota de dispersão dos ostrácodos, entre América do Sul e Índia, tenha ocorrido através do continente antártico, obviamente sob uma condição climática distinta da moderna, ainda sem cobertura de geleiras, e de Madagascar, por conta de constituir um conhecido caminho, utilizado por alguns grupos de vertebrados, entre outros especialmente crocodylomorfos e dinossauros.

PALAVRAS CHAVE: BIOESTRATIGRAFIA, OSTRÁCODOS, PALEOBIOGEOGRAFIA